

Excertos do Bhagavad Gita

– Versos Seleccionados por Niraj –

II, 23. O Homem real, o Espírito, não pode ser ferido por armas, nem queimado pelo fogo; a água não o molha, o vento não o seca nem move.

II, 38. Com a mente tranqüila, aceita como igual o prazer e a dor, o ganho e a perda, a vitória e a derrota. Cinge-te para a peleja, cumpre o teu dever, evita assim o pecado.

II, 47. Seja, pois, o motivo das tuas ações e dos teus pensamentos sempre o cumprimento do dever, e faz as tuas obras sem procurares recompensa, sem te preocupares com o teu ganho ou o teu prejuízo pessoal.

II, 51. Os sábios, que renunciaram mentalmente os frutos possíveis de suas retas ações, libertam-se das cadeias dos renascimentos e se encaminham para a morada eterna.

II, 62 e 64. Quem anela objetos dos sentidos, nos quais pensa e os quais contempla, fica atraído e enlaçado por esses objetos; desta atração e deste enlace provém o desejo, e o desejo gera a paixão. Mas quem, senhor de si mesmo, encontra os objetos dos sentidos, sem a eles anelar e sem deles fugir, esse alcança a Paz.

III, 6. Se alguém se assenta para reter e dominar os seus sentidos e os órgãos de atividade mas, em sua mente, está apegado aos objetos dos sentidos, ilude-se e merece o nome de hipócrita.

III, 8. Faze bem o que te compete fazer no mundo; cumpre bem as tuas tarefas; ocupa-te da obra que encontras, para fazê-la o melhor possível: assim será muito bom para ti. Atividade é melhor do que ociosidade.

III, 9. Os homens estão aferrados a este mundo porque agem com o fim de obter recompensa e ganho; estão apegados aos objetos de seus desejos, e, por isso, cansam-se na escravidão dos sentidos. Para libertarem-se, hão de agir com resignação, movidos pelo puro amor ao Bem. Faze, pois, ó Arjuna, a tua tarefa, para cumprires o dever que o Eu Real te impõe, e não por qualquer outro motivo.

III, 13. Os bons homens que retêm para si só aquilo que resta depois de terem oferecido à Divindade tudo aquilo que é divino, são livres de todos os pecados; porém, os maus que querem agir só para si mesmos, vivem em pecado.

III, 18. O sábio, elevado acima dos mundos, não se inquieta por saber se alguma coisa acontece ou não acontece no mundo; achando em si mesmo tudo de que precisa, não tem necessidade de refugiar-se em nenhum ser criado, para nele achar apoio.

III, 27-28. Toda a atividade e todas as ações provêm dos movimentos das forças da Natureza. O insensato, que é iludido pela presunção e vaidade, pensa que ele é

o ator e diz: “eu faço isso, eu fiz aquilo”. Mas quem conhece a verdade sorri, porque enxerga, detrás da personalidade, a fonte real da ação, a causa e o efeito.

III, 34. Ninguém pode escapar às leis naturais. Os objetos sensuais são os senhores dos sentidos, e atraem ou repelem o coração dos homens, enchendo-o de afeição ou de aversão. Não te deixes dominar por nenhuma dessas duas forças, porque ambas são obstáculos no caminho e o sábio as subjuga.

III, 39. O Desejo impede o verdadeiro saber; ele é como um fogo devorador, difícil de extinguir-se.

IV, 20. O sábio, tendo renunciado aos frutos das suas ações, está sempre contente e confia na força divina do seu interior. Assim, está em inação, ainda que trabalhe, já que não age para a sua pessoa, mas deixa agir por si a força Divina.

IV, 23. As obras do homem que matou em si todo o apego e mantém sua mente firme na sabedoria, são como inexistentes para ele; tudo ele faz no espírito divino, conforme a vontade de Deus, e, assim, cada uma de suas ações é um sacrifício no altar do Amor Divino.

IV, 24. Deus é Amor; Deus mesmo é o sacrificador e o sacrifício; Ele é o fogo e o alimento do fogo. Deus em Deus oferece sacrifício a Deus, e assim vem a Deus quem, oferecendo sacrifício, Nele pensa.

IV, 33 e 38. Melhor, porém, do que o sacrifício e objetos e coisas, é o sacrifício oferecido pelo conhecimento [*jnana*]. (...) Não há, no mundo, outro agente de purificação igual à chama da Verdade Espiritual. Quem a conhece, quem a ela se dedica, será purificado das manchas da personalidade, e achará seu Eu Real.

V, 3. Só se abstém verdadeiramente aquele que não odeia a ação, nem por ela se apaixona; assim é que ele pratica a renúncia, nada odiando e nada desejando. Quem está acima dos contrastes e conserva-se calmo e contente, sempre pronto a cumprir a sua tarefa e, contudo, sem apegar-se à obra, facilmente se liberta dos vínculos da ilusão.

V, 6. Abster-se e renunciar é muito difícil para quem não tem experiência das ações.

V, 7. Quem é firme na prática da Reta Ação e, ao mesmo tempo, domina a si mesmo, subjugando à Vontade Divina os seus sentidos e desejos, sente-se uno com tudo o que existe e não é influenciado pelas obras que pratica.

V, 9-10. Em verdade, ele pode dizer: “Os sentidos fazem a sua parte no mundo sensual; deixemo-los agir! Eu não sou vinculado nem iludido por eles, porque sei qual é o seu fim.” Quem encara suas ações como obra dos sentidos, e as executa sem apego, não é maculado pelo egoísmo.

V, 13. A alma do sábio que, no fundo de sua vontade, renunciou a toda ação e inação própria, e não procura recompensa, habita o corpo, que é o Templo do Espírito, conserva-se quieta, em paz, sem desejo de agir e sem causar ação e, entretanto, esta sempre pronta a executar a sua parte na ação, quando o dever a chama. Porque o sábio sabe que, ainda que seu corpo se ocupe de ações, o Eu Real permanece imperturbado.

V, 20. Não te deixes arrebatado, quando te acontece algo desagradável, nem percas o ânimo quando tens má sorte. Levanta o teu pensamento à claridade limpa da esfera divina, emerge-te em Deus e Nele vive.

V, 21-22. Em delícias eternas vive a alma que em si mesma encontra a fonte da felicidade, sendo unida com Deus e desapegada dos objetos do mundo exterior. Os prazeres nascidos do contato dos sentidos externos, e a que chamam “satisfação”, são fontes de sofrimentos, porque têm princípio e fim. O sábio não procura neles a sua felicidade.

VI, 2. Sabe, ó príncipe, que a Reta Ação, praticada com o conhecimento da verdade, é a melhor renúncia, o melhor ascetismo. Porque este consiste em verdade só no desinteresse.

VI, 14. [O Yogi] Com o ânimo tranqüilo e sereno, livre de medo, inabalável em seu propósito, retraindo a sua vontade, em silêncio permanece, pensando em Mim e em Mim se imergindo.

VI, 20 e 22. A mente do yogi se deleita na contemplação do Eu Real e acha no seu interior o contentamento e a felicidade. (...) Ele sabe que não há coisa melhor, nem maior satisfação, do que esse estado de Paz inabalável que resulta do Conhecimento da Realidade; nada lhe pode perturbar essa Paz e esse contentamento, nem os maiores sofrimentos, dores e cuidados da vida mundana, porque está acima deles.

VI, 25. Quando a mente se fixou no Eu Real, acha insensato peregrinar em qualquer outra coisa.

VI, 30. Em verdade te digo que aquele que Me vê em tudo e todo o universo em Mim nunca Me abandonará, e nunca será por Mim abandonado.

VI, 47. De todos os yogis Eu prefiro, porém, aquele que Me adora com fé e a Mim dedica o interior da sua alma; aquele cujo coração transborda Meu Amor e cuja mente sempre sente a minha presença e, com ela, a Paz Suprema.

VIII, 7. Dirige, pois, a Mim todos os teus pensamentos e luta. Se a tua mente e o teu coração em Mim firmemente fixares, com certeza, enfim, a Mim chegarás.

VIII, 8. Quem, abandonando todos os desejos pessoais, não tem a mente concentrada em nenhum outro ser mas no Espírito Eterno, praticando o Reto Pensar e a Reta Ação, ao Espírito Eterno virá.

VIII, 12. Ouve as instruções: Fecha bem as portas dos teus sentidos corporais. Domina o teu coração, concentra a tua mente sobre o teu Eu interior, e não a deixes vaguear no exterior, nem ocupar-se com os pensamentos estranhos.

VIII, 14. O yogi que pensa em Mim incessante e fixamente, ó príncipe, e nunca se apega com os seus pensamentos a qualquer outro objeto, com facilidade Me achará.

IX, 27-28. Por isso, qualquer coisa que faças, quer comas ou bebas, quer recebas ou dêes, quer jejues ou ores, sempre pensa em Mim e oferece tudo a Mim. E oferecendo a Mim todas as tuas ações, serás livre dos vínculos da ação e das suas conseqüências. A tua mente torna-se, assim, bem equilibrada e harmonizada, e capaz de unir-se a Mim.

IX, 34. Conhece-Me, adora-Me, fixa em Mim a tua mente e sem distração uma a tua vontade à Minha, e, nesta união, encontrarás a mais perfeita felicidade das tua vida.

X, 20. Eu, ó príncipe, sou o Espírito que reside na consciência de todos os seres, e cujo reflexo é conhecido por todos como “Eu”. Eu sou o princípio, o meio e o fim de todas as coisas.

XI, 55. Quem tudo faz em Meu nome; quem Me reconhece como o alvo de todos os seus mais nobres esforços; quem Me adora, livre de apegos e sem odiar a ninguém, esse chegará a Mim.

XII, 8. Descansa em Mim tua mente, ó príncipe, e satura toda a tua mente de Meu Ser e, ao deixares esta vida, morarás certamente em Mim.

XII, 14-15. Amo aquele que é sempre constante, afável e piedoso, manso de coração e de firme vontade, e cujos pensamentos em Mim se concentram. Amo aquele que não tem cuidados mundanos, não teme o mundo e não é tímido; quem é livre de turbulência, da cólera, da impaciência e do medo, e não se entrega à tristeza e nem à alegria excessiva.

XII, 19. Amo aquele que não murmura contra o destino, não se importa se o mundo o louva ou censura, em todo lugar está contente e, firme em seu propósito, em Espírito Me adora.

XIII, 8-11. A Sabedoria Espiritual consiste em: modéstia, sinceridade, inocência, paciência, retidão, respeito para com os superiores, castidade, constância, domínio de si próprio. Ausência de sensualidade, ausência de orgulho e vaidade, conhecimento dos males do nascimento e morte, velhice, doença e sofrimentos. Ela ensina libertar-se dos vínculos pessoais entre o possuidor da sabedoria sua mulher, seus filhos, suja casa. Dá constante equanimidade e tranquilidade de espírito, tanto na ventura como na desventura. Ensina a verdadeira adoração e devoção, a auto-isolamento do mundo profano e a abstinência de divertimentos mundanos.

XIII, 30. Verdadeiramente vê quem percebe que todas as ações são executadas pelo corpo (ou Matéria), cujas qualidades (*gunas*) atuam cada qual à sua maneira, e não pelo Eu.

XIV, 22-24. Diz-se que ultrapassou as qualidades (*gunas*) quem, sentindo o efeito que as qualidades produzem – percepção, ação ou ilusão – não lhe repugnam os Maus frutos advindos e nem anseia pelos bons frutos frustrados. Aquele que, como neutro espectador, não é comovido pelas qualidades, mas, imperturbável, se retrai delas com o pensamento: “as qualidades desempenham as tarefas”. Aquele que, equânime não prazer e na dor, fixa-se no Eu, olhando indiferente a argila, a pedra e o ouro; que, firme no louvor e no vitupério, recebe com a mesma afabilidade as coisas agradáveis e desagradáveis.

XV, 9. O Eu, unido à vista, ouvido, olfato, paladar e tato, e à mente, faz experiências com os objetos dos sentidos.

XVI, 1-3. Vou te dar os sinais característicos dos homens que andam pelo caminho que conduz à Vida Divina. Ei-los: intrepidez, pureza de coração, perseverança em busca da sabedoria, caridade, abnegação, domínio de si mesmo, devoção, religiosidade, austeridade, retidão. Abstenção de más ações, veracidade, mansidão, renúncia, equanimidade, boa vontade, amor e compaixão para com todos os seres, ausência do desejo de matar, ânimo tranquilo, modéstia, discrição, firmeza. Fortaleza, paciência, constância, castidade, humildade, indulgência.

XVI, 21. Três são as portas deste inferno destruído do ser: luxúria, ira, avareza. Delas se aparte, pois, o homem.

XVIII, 7. Não é correto abster-se alguém de uma ação inerente à sua própria condição. Tal abstenção deriva da ilusão e é considerada *tamásica*.

XVIII, 8. Quem se abstém da ação para evitar incômodos corporais, dizendo: “isto é penoso”, pratica uma renúncia de natureza *rajásica*, e nada ganha com essa renúncia.

XVIII, 9-10. Se alguém, sem apego nem visando resultados, pratica um ato inerente à sua própria condição, dizendo: “isto precisa ser feito”, essa renúncia é tida como de natureza *satwica*. Quem não tem repugnância a fazer aquilo a fazer aquilo que não lhe dá proveito e não tem desejo do que lhe é vantajoso; quem é prudente e não nutre dúvida alguma, é um verdadeiro renunciador (*tyagi*).

XVIII, 11. Não há homem que possa abster-se de toda a ação enquanto vive no corpo terrestre. Verdadeiro renunciador é, porém, considerado quem se abstém de gozar os frutos de suas obras.

XVIII, 23. Pura é a ação cumprida por dever, sem apetercer o fruto, sem gosto nem repugnância, e livre de afeto interesseiro.

XVIII, 37-38. Puro é o prazer que, nascido do bendito autoconhecimento, no princípio repugna como adstringente peçonha, mas no fim deleita, qual suavíssima Ambrósia. Passional é o prazer que, nascido da união entre os sentidos e seus objetos, deleita no princípio qual suavíssima Ambrósia, mas no fim repugna como adstringente peçonha.

XVIII, 45 e 48. Alcança a perfeição quem quer que cumpra contente o seu próprio dever. (...) Que a ninguém repugne seu dever natural, embora seu cumprimento seja acompanhado de inquietações. Pois como a fumaça é inerente a toda chama, assim são as inquietações em relação à ação.

XVIII, 57-58. Dedicar tu, em pensamento, todas as tuas ações a Mim, e, perseverando nesta atitude, estarás sempre com tua mente fixa em Mim. Com tua mente fixa em Mim, com Minha graça vencerás todos os obstáculos.

XVIII, 59-60. Se, confiando apenas em ti, pensares “não lutarei”, e evitares a luta, vã será a tua determinação, pois tua natureza te lançará à luta. Ó filho de Kunti! O que por ilusão não desejares fazer, isso farás irremediavelmente, forçado pelos impulsos de tua própria natureza.

XVIII, 61. O Senhor Supremo como que atou todos os seres a uma roda girante de corpos e, habitando em seus corações, fá-los mover-se atraídos pelos objetos sensórios.

XVIII, 65-66. Fixa tua mente em Mim; sê Meu devoto; serve-Me; prostra-te diante de Mim, e desse modo chegarás até Mim. Esta é a pura verdade, Eu te declaro, pois és Meu muito amado. Desiste de todas as obrigações religiosas, e toma-me como teu único refúgio. Eu te libertarei de todas as dificuldades. Não te aflijas.